

ACTAS DO IX CONGRESSO IBEROAMERICANO DE PSICOLOGIA
2º CONGRESSO ORDEM DOS PSICÓLOGOS PORTUGUESES · 2014

Atitudes e *coping* proactivo no consumo de substâncias na adolescência

Paulo C. Dias¹, José António Garcia del Castillo², Juan Carlos Marzo² & Filipa Coelho³

1. *Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, Portugal*

2. *Universidad Miguel Hernández, Elche, Espanha*

3. *Instituto Superior de Ciências Educativas de Felgueiras, Portugal*

Resumo

O presente estudo foca-se sobre o papel da atitude proactiva, assim como das atitudes de predisposição, índice de desagrado e percepção de satisfação no consumo de substâncias. Para isso, os autores recorreram a uma amostra de 418 alunos do ensino secundário, utilizando a Escala de Atitude Proactiva (Schwarzer, 1999), que permite avaliar a percepção de recursos, com implicações para a motivação e acção, a Escala de Coping Proactivo (Greenglass, Schwarzer, & Taubert, 1999), e as Escalas de Atitudes em Relação ao Tabaco, Álcool e Drogas (García del Castillo & López, 2003), que permitem avaliar a atitude de predisposição, índice de desagrado e percepção de satisfação pelos consumos. Os resultados permitem perceber algumas diferenças de género nas atitudes e nos cursos frequentados, excepto na atitude e coping proactivo, e uma relação negativa entre a idade e atitudes em relação às drogas. Verificaram-se também diferenças na atitude de predisposição, índice de desagrado e percepção de satisfação sobre o consumo das substâncias de tabaco, álcool e drogas (marijuana, cocaína, crack e outros tipos de drogas). As atitudes e coping proactivas não se revelaram significativas na experiência, idade da primeira experiência ou intensidade do consumo. Apesar da relação entre atitude e coping proactivo com as atitudes em relação ao consumo de substâncias, não se verificou esta relação com o consumo. As implicações dos resultados são discutidas criticamente.

Palavras-chave: Atitudes; Atitude Pró-activa; Coping Pró-activo; Consumo de substâncias

Abstract

This study aims to explore the role of proactive attitudes, as well as the predisposition attitudes, displeasure index and perceived satisfaction in substance use. To do that, the authors relied on a sample of 418 secondary school students using the Proactive Attitude Scale (Schwarzer, 1999), which evaluates the perception of resources, with implications for motivation and action, the Proactive Coping Scale (Greenglass, Schwarzer, & Taubert, 1999), and the Attitudes Toward Tobacco, Alcohol and Drugs Scales (García del Castillo & López, 2003), which measure the attitude of willingness, displeasure index and perceived satisfaction with substance use. The results allow us to understand some gender differences in attitudes and courses taken, except in the proactive attitude and coping, and a negative relationship between age and attitudes towards drugs. There were also differences in attitude predisposition, displeasure index and perceived satisfaction with the substances as tobacco, alcohol and drugs (marijuana, cocaine, crack and other drugs). Proactive attitudes and coping did not revealed significant role in experience, onset age or intensity of consumption. Although the relationship between attitude and proactive coping with attitudes toward substance use, this relationship did not exist with consumption. The implications of the results are critically discussed.

Keywords: Attitudes; Pro-active attitude; Pro-active coping; Substance use.

Introdução

O consumo de substâncias na adolescência continua a ser um dos tópicos mais investigados. Muita da literatura relativa ao consumo de substâncias parece acabar por mais na intervenção e tratamento do que na prevenção (Filho, 2005), na compreensão do fenómeno do que na detecção precoce (Malmberg, Overbeek, Monshouwer, Lammers, Vollebergh & Engels, 2010; van Ryzin, Fosco & Dishion, 2012). Por esse motivo, este trabalho tenta centrar-se sobre esta faixa etária marcada por um período de experimentação e procura da novidade, mas também determinante para o desenvolvimento físico, psicológico e social.

No entanto, várias novas linhas têm sido abertas, co aparecimento de novas drogas e novas dependências (Canterbury & Lloyd, 1994; Rose, 2012; Suris, Akre, Ambresin, Brechtold, Piguet & Zimmermann, 2014), na análise dos padrões de consumo face à maior aceitação das substâncias (Cao & Zhao, 2012; Shekhtmeyster, Sharkey & You, 2011), em estudos de género (Lev-Ran, Strat, Imtiaz, Rehm, & Foll, 2013; Holmila & Raitasalo, 2005; Kauffman, Silver, & Poulin, 1997; Walitzer & Dearing, 2006), entre outros.

Embora se compreenda, cada vez mais, o consumo como um fenómeno multicausal, onde se integram diversos factores individuais como a busca de sensações, motivações hedónicas, pressão social dos pares, características da família, entre outros factores sócio-culturais relacionados com as substâncias (Cao & Zhao, 2012; Jiménez, Díaz & Ruiz, 2006; van Ryzin, Fosco & Dishion, 2012), as atitudes continuam a ser um dos preditores mais estudados. Trata-se de um dos processos mais estudado nas ciências sociais (Lima, 2002), especialmente pela sua forte correlação com o comportamento (Ajzen, & Cote, 2008; Ajzen, & Fishbein, 2005). As atitudes mais favoráveis parecem correlacionar-se com o consumo (e.g.: García del Castillo et al., 2012; Jiménez, Díaz & Ruiz, 2006; Moral, & Ovejero, 2005; Pimentel, Coelho Júnior, & Aragão, 2009), atitude e normas subjectivas entre os pares (Hohman, Crano, Siegel, & Alvaro, 2014; Mason, Mennis, Linker, Bares & Zaharakis, 2014; Musher-Eizenman, Holub, & Arnet, 2003). Adolescentes que já experimentaram ou consomem drogas tendem a apresentar atitudes mais permissivas (Garcia del Castillo, Sánchez & Soler, 2006; Moral & Ovejero, 2003), maior predisposição para o uso e percepção de satisfação pelo consumo (García del Castillo et al., 2012). Estas atitudes mais favoráveis relacionam-se também com uma tendência para se manter em ambientes e com companhias incitadoras do consumo, sejam modelos de consumo no grupo, experiências anteriores, baixas competências físicas, comportamento desviante e comportamento de busca de atenção (Hohman, Crano, Siegel, & Alvaro, 2014; Jiménez, Díaz & Ruiz, 2006).

À parte destes estudos, ao longo dos últimos anos temos assistido ao aparecimento de novas linhas de investigação e ao refinar de novos conceitos, em resultado do avanço no conhecimento sobre o comportamento e os processos mentais subjacentes. Um dos temas que tem surgido

recentemente diz respeito às atitudes positivas, relacionadas intimamente com o *coping* positivo, que são crenças pessoais em que os sujeitos mobilizam os seus recursos para a melhoria pessoal e do seu contexto (Greenglass, 2002; Greenglass & Fiksenbaum, 2009; Schwarzer, 1999). Estas atitudes, relacionadas com a auto-eficácia, sentido de controlo e autonomia (Albion, Fernie & Burton, 2005), aparecem na literatura como um constructo distinto que facilita a motivação e acção. Indivíduos com uma atitude proactiva acreditam na existência de recursos pessoais e externos suficientes e assumem a responsabilidade pelo seu percurso (Schwarzer, 1999). Contudo, são mais escassos os estudos entre as atitudes proactivas e o consumo. Dessa forma, estabeleceu-se como objectivo estudar a relação entre atitudes e o *coping* com o consumo de substâncias na adolescência, tentando perceber eventuais diferenças entre a atitude em relação ao consumo e a atitude e *coping* proactivo no consumo.

Metodologia

Participantes

A amostra foi constituída por 418 adolescentes, 228 dos quais rapazes (54.7%), com idades entre os 15 e os 18 anos, que frequentavam entre o 10º ano (n=189, 45.2%) e o 12º ano (n=101, 24.24%), em diversos cursos, sendo o mais prevalente o curso de Ciências e Tecnologias (n=213, 51%).

Medidas

Para a recolha de dados, foram seleccionadas escalas para avaliar a atitude proactiva e atitude em relação ao consumo de substâncias, *coping* proactivo, e um questionário sócio-demográfico:

- a Escala de Atitude Proactiva (Schwarzer, 1999), traduzida para Português por Nunes e Schwarzer (1999), é constituída por 15 itens de resposta fechada, desde 1 (nada verdadeiro para mim) a 4 (totalmente verdadeiro para mim), que avalia a percepção de recursos pessoais para a acção.

- a Escala de Coping Proactivo, uma das subescalas do “Inventário de Coping Proactivo” desenvolvido por Greenglass, Schwarzer e Taubert (1999), adaptada para Português por Marques, Lemos e Greenglass (2004), tem 14 itens e resposta fechada, desde 1 (nada verdadeiro para mim) a 4 (totalmente verdadeiro para mim), que avalia estratégias de *coping* “activas”, utilizadas pelas pessoas quando se confrontam com um determinado problema;

- as Escalas de Atitudes em Relação ao Tabaco, Álcool e Drogas (García del Castillo & López, 2001), adaptadas para o contexto Português por García del Castillo e colaboradores (2012), são três escalas com 13 itens e escala *Likert* de 5 pontos, desde discordo fortemente a concordo fortemente. Além da pontuação total, cada escala permite avaliar a predisposição para o consumo, índice de desagrado e percepção de satisfação pelos consumos.

- e o questionário sócio-demográfico permitiu recolher dados pessoais sobre os sujeitos da amostra (género, idade, escolaridade, curso) ou sobre o consumo de substâncias (experiência e intensidade).

Procedimentos

Após autorização dos autores das escalas, foi pedido o consentimento das escolas, através das suas direcções, e aos pais dos alunos do ensino secundário no norte do País, através de consentimento informado. Após explicitação dos objectivos e dos procedimentos que garantem o carácter voluntário e anónimo da recolha de dados, os instrumentos foram distribuídos e preenchidos pelos alunos na sala de aula, durante o horário lectivo normal, em tempos cedidos pelos professores para o efeito.

Após a recolha de dados, as respostas foram codificadas e analisadas no programa de tratamento estatístico *Statistical Package for Social Sciences*, versão 15, onde foram sujeitos a um conjunto de testes descritivos e inferenciais.

Resultados

Atitudes e coping em função de variáveis pessoais.

De acordo com os dados, verificou-se apenas uma relação negativa entre a idade e a atitude em relação às drogas nas três subescalas ($p < .05$) e, em função do género, com as raparigas a apresentar médias mais positivas do que os rapazes na predisposição para o consumo ($p < .05$), percepção de satisfação ($p < .05$) e no índice de desagrado ($p < .05$). Apenas na percepção de risco em relação ao consumo de drogas é que as diferenças não foram significativas ($p > .05$).

Atitudes e coping em função da experiência de consumo

Como se percebe pela tabela abaixo, verificam-se diferenças significativas na predisposição para o consumo, índice de desagrado e percepção de satisfação em relação ao consumo das três substâncias. Os adolescentes que nunca experimentaram tabaco, álcool, marijuana, cocaína, crack ou outros tipos de droga apresentam pontuações médias superiores nas dimensões: predisposição em relação ao consumo, índice de desagrado em relação ao consumo e percepção de satisfação pelo consumo das três substâncias. Relativamente ao coping e atitude proactiva, não parecem diferenciar entre os indivíduos que experimentaram ou não as substâncias apontadas ($p > .05$).

Tabela 1.

Atitudes e coping em função da experiência de consumo de substâncias.

		Sim	Não	t	gl	p
Experiência de consumo de tabaco	Coping Pró-activo	27.718	28.052	-.742	374	.458
	Atitude Pró-activa	17.378	17.858	-1.583	393	.114
	Predisposição em relação ao tabaco	16.689	19.363	-8.778	410	.000
	Índice de desagrado em relação ao tabaco	11.701	13.916	-7.866	406	.000
	Percepção de satisfação pelo consumo de tabaco	13.726	15.256	-7.370	407	.000
Alguma experiência de consumo de álcool	Coping Pró-activo	27.973	26.956	1.492	373	.137
	Atitude Pró-activa	17.568	17.532	.078	392	.938
	Predisposição em relação ao consumo de álcool	17.626	18.840	-2.445	409	.015
	Índice de desagrado em relação ao consumo de álcool	12.443	13.720	-2.847	405	.005
	Percepção de satisfação pelo consumo de álcool	14.219	15.333	-3.340	406	.001
Experiência de consumo de marijuana	Coping Pró-activo	26.750	27.977	-1.371	372	.171
	Atitude Pró-activa	16.565	17.649	-1.699	391	.090
	Predisposição em relação ao consumo de droga	13.360	18.088	-7.413	408	.000
	Percepção de risco em relação ao consumo de droga	9.040	12.856	-6.470	404	.000
	Percepção de satisfação pelo consumo de drogas.	12.083	14.517	-5.481	405	.000
Experiência de consumo de cocaína, crack ou outros tipos de droga	Coping Pró-activo	27.941	27.876	.085	371	.932
	Atitude Pró-activa	17.438	17.597	-.290	390	.772
	Predisposição em relação ao consumo de droga	14.158	18.172	-7.657	408	.000
	Percepção de risco em relação ao consumo de droga	9.974	12.916	-6.050	403	.000
	Percepção de satisfação pelo consumo de drogas.	12.865	14.523	-4.500	404	.000

Atitudes e coping em consumos.

Foi encontrada uma correlação entre a idade da primeira experiência de consumo de tabaco e o índice de desagrado em relação ao consumo ($r=.175, p=.012$) e entre a idade do primeiro consumo de álcool e as atitudes em relação ao álcool, seja no índice de desagrado ($r=.257, p<.01$) como na pontuação total ($r=.207, p<.01$). Entre as atitudes e coping proactivo e as atitudes em relação ao consumo, as relações existentes, além de não ser em todas as dimensões, são ténues ($p<.05$).

Tabela 2.

Correlação entre coping proactivo e atitudes.

	CP	AP	D_Tab	S_Tab	I_Tab	At_Tab	D_Alc	I_Alc	S_Alc	At_Alc	D_Dro	R_Dro	S_Dro
CP	1												
AP	.573**	1											
D_Tab	.093	.130**	1										
S_Tab	.115*	.112*	.673**	1									
I_Tab	.107*	.148**	.544**	.412**	1								
At_Tab	.135*	.167**	.898**	.794**	.804**	1							
D_Alc	.023	.063	.504**	.465**	.431**	.562**	1						
I_Alc	-.049	-.001	.248**	.222**	.334**	.322**	.545**	1					
S_Alc	.092	.151**	.203**	.189**	.260**	.267**	.257**	.320**	1				
At_Alc	.026	.086	.444**	.404**	.459**	.526**	.863**	.835**	.566**	1			
D_Dro	.129*	.097	.499**	.356**	.406**	.515**	.476**	.205**	.264**	.433**	1		
R_Dro	.117*	.099	.439**	.370**	.375**	.488**	.420**	.300**	.262**	.440**	.544**	1	
S_Dro	.100	.066	.449**	.366**	.383**	.484**	.364**	.165**	.223**	.344**	.597**	.428**	1
At_Dro	.151**	.109*	.564**	.439**	.471**	.599**	.516**	.281**	.300**	.500**	.904**	.765**	.803**

Nota. **Correlação significativa a .01. * Correlação significativa a .05.

Legenda: CP: coping proactivo; AP: atitude proactiva; D_Tab: Disposição para o consumo de tabaco; S_Tab: percepção de satisfação sobre o consumo de tabaco; I_Tab: índice de desagrado em relação ao consumo de tabaco; At_Tab: Atitude em relação ao tabaco; D_Alc: Disposição para o consumo de álcool; I_Alc: índice de desagrado em relação ao consumo do álcool; S_Alc: percepção de satisfação sobre o consumo do álcool; At_Alc: Atitude em relação ao tabaco; D_Dro: Disposição para o consumo de drogas; R_Dro: Percepção de risco em relação ao consumo de drogas; S_Dro: percepção de satisfação sobre o consumo de drogas; At_Dro: Atitude em relação às drogas.

Discussão

O presente trabalho visava explorar o papel das atitudes e do coping proactivo no consumo de substâncias, comparando com as atitudes em relação ao consumo. Os resultados parecem sugerir atitudes mais favoráveis ao consumo entre as raparigas, expressas por médias superiores no que diz respeito à predisposição para o consumo, percepção de satisfação e score total. No entanto, parecem manifestar também meio desagradado. Estes resultados, contraditórios com outros (ex.: Holmila & Raitasalo, 2005; Kauffman, Silver & Poulin, 1997), dão significado a uma dinâmica mais recente que associa às raparigas atitudes mais favoráveis aos consumos (ex.: Mousavi, Garcia, Jummefors, Archer & Ewalds-Kvist, 2014). Apesar de não ser objectivo do trabalho a avaliação dos consumos por género, tem-se verificado uma maior proximidade nos consumos e, ao contrário do que acontecia há algumas décadas, parece estar-se a assistir a uma inversão nas atitudes.

Na relação com a idade, os resultados sugerem que as atitudes tendem a tornar-se menos favoráveis entre os mais velhos. Na relação com a idade, os estudos são mais diversos. Embora estes dados estejam em linha com trabalhos anteriores realizados no nosso contexto, sugerindo uma atitude progressivamente mais negativa com a idade (García del Castillo et al., 2012), existem outros que apontam que as atitudes se tornam mais permissivas ao longo da idade (Moral, & Ovejero, 2005). Uma perspectiva interessante pode ser encontrada em estudos recentes que parecem apontar determinados picos de idade a partir dos quais as atitudes tendem a decrescer (Signhammer, 2012), uma hipótese que valerá ser estudada em trabalhos posteriores.

Quando comparamos as atitudes e *coping* em função da experiência, os resultados reforçam o papel das atitudes específicas em relação ao consumo de substâncias no comportamento, em linha com estudos anteriores (e.g.: García del Castillo et al., 2012; Jiménez, Díaz & Ruiz, 2006; Moral, & Ovejero, 2005). De acordo com estes dados, os adolescentes que nunca experimentaram qualquer das substâncias demonstra maior índice de desagradado pelo consumo mas também maior predisposição e percepção de satisfação pelo consumo das substâncias. Esses dados podem sugerir alguma ambivalência nas atitudes pelo consumo de substâncias (Hohman, Crano, Siegel, & Alvaro, 2014), que também pode ser compreendida, em parte, pela idade da primeira experiência, dados que devem ser considerados com atenção tendo em vista as campanhas de informação e desenho de programas preventivos.

Já as atitudes e coping proactivo não parecem diferenciar entre os que experimentaram substâncias e os que nunca experimentaram. Embora estejam relacionadas com variáveis positivas como o bem-estar, autonomia e sentido de eficácia para a melhoria pessoal e do seu contexto (ex.: Albion, Fernie & Burton, 2005; Greenglass & Fiksenbaum, 2009) o conceito pode não ser sensível a influenciar directamente estes comportamentos de risco. No mesmo sentido se colocam algumas dúvidas no que diz respeito à relação entre atitude proactiva e atitudes em relação ao tabaco,

mais consistentemente, o que pode sugerir uma percepção de maior proactividade entre os que experimentaram esta substância, o que não acontece de forma tão regular com o álcool ou outras drogas. Estas e outras dúvidas devem ser exploradas em estudos posteriores, testando, eventualmente, efeitos mediadores que melhor nos permitam compreender a dinâmica entre estes processos.

Contudo, este foi um pequeno estudo, com uma amostra não probabilística, que carece de maior diversificação da amostra, eventualmente de outras zonas geográficas, que nos permitam compreender melhor determinantes do consumo de substâncias e, assim, aumentar a eficácia das estratégias preventivas.

Referências

- Ajzen, I. & Cote, N.G. (2008). Attitudes and the prediction of behavior. In W.D. Crano & R. Prislin (Eds.), *Attitudes and attitude change* (pp. 289-311). New York: Psychology Press.
- Ajzen, I. & Fishbein, M. (2005). The influence of attitudes on behavior. In D. Albarracín, B. T. Johnson, & M. P. Zanna (Eds.), *The handbook of attitudes* (pp. 173-221). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Albion, M.J., Fernie, K.M. & Burton, L.J. (2005). Individual Differences in Age and Self-Efficacy in the Unemployed. *Australian Journal of Psychology*, 57 (1), 11-19.
- Canterbury, R. & Lloyd, E. (1994). Smart Drugs: Implications of Student Use. *The Journal of Primary Prevention*, 14(3), 197-207.
- Cao, L., & Zhao, R., (2012). The impact of culture on acceptance of soft drugs across Europe. *Journal of Criminal Justice*, 40, 296-305.
- Filho, H. C. (2005). Necessidades de intervenção no consumo de álcool, tabaco e outras drogas em Portugal. *Revista Portuguesa de Saúde Pública*, 23 (2), 77-88.
- García del Castillo, J.A., Dias, P.C., Díaz-Pérez, J., Bastos, A.S., García del Castillo-López, A., López-Sánchez, C., et al. (2012). Adaptación de las escalas de actitudes hacia el tabaco, el alcohol y otras drogas en adolescentes portugueses. *Health and Addictions*, 12 (1), 79-99.
- García del Castillo, J.A., Sánchez, C.L., & Soler, M.C. (2006). Consumo de alcohol, actitudes y valores en una muestra de estudiantes universitarios de la provincia de Alicante. *Salud y Drogas*, 6 (2), 149-159.
- García-Rodríguez, J.A., & López-Sánchez, C. (2001). Medida de las actitudes en la prevención de las drogodependencias. In J.A. García-Rodríguez & C. López-Sánchez (coord.). *Manual de estudios sobre alcohol*. Madrid: EDAF.
- Greenglass, E. (2002). Proactive coping. In E. Frydenberg (Ed.), *Beyond coping: Meeting goals, vision, and challenges* (pp. 37-62). London: Oxford University Press.
- Greenglass, E. R., Schwarzer, R., & Taubert, S. (1999). *The Proactive Coping Inventory (PCI): A multidimensional research instrument*. [On-line publication]. Available at: <http://userpage.fu-berlin.de/~health/greenpci.htm>
- Greenglass, E.R., & Fiksenbaum, L. (2009). Proactive Coping, Positive Affect, and Well-Being Testing for Mediation Using Path Analysis. *European Psychologist*, 14(1), 29-39.
- Hohman, Z.P., Crano, W.D., Siegel, J.T., & Alvaro, E.M. (2014). Attitude ambivalence, friend norms, and adolescent drug use. *Prevention Science*, 15(1), 65-74.

- Holmila, M., & Raitasalo, K. (2005). Gender differences in drinking: why do they still exist? *Addiction, 100* (12), 1763-1769.
- Jiménez, M.V., Díaz, F. V., & Ruiz, C.S. (2006). Factores relacionados con las actitudes juveniles hacia el consumo de alcohol y otras sustancias psicoactivas. *Psicothema, 18* (1), 52-58.
- Kauffman, S., Silver, P., & Poulin, J. (1997). Gender differences in attitudes toward alcohol, tobacco, and other drugs. *Social Work, 42*(3), 231-241.
- Lev-Ran, S., Strat, Y.L., Imtiaz, S., Rehm, J., & Foll, B.L. (2013). Gender Differences in Prevalence of Substance Use Disorders among Individuals with Lifetime Exposure to Substances: Results from a Large Representative Sample. *The American Journal on Addictions, 22* (1), 7-13.
- Lima, L. P. (2002). Atitudes: Estrutura e mudança. In J. Vala y M. B. Monteiro (coords.). *Psicologia Social* (pp. 187-225). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Malmberg, M., Overbeek, G.J., Monshouwer, K., Lammers, J., Vollebergh, W.A. & Engels, R.C. (2010). Substance use risk profiles and associations with early substance use in adolescence. *Journal of Behavioral Medicine, 33* (6), 474-485.
- Marques, S., Lemos, J., & Greenglass, E. (2004). *Proactive Coping Inventory (PCI), Portuguese Translation*. [On-line publication]. Available at: http://userpage.fu-berlin.de/~health/pci_porto.htm
- Mason, M.J., Mennis, J., Linker, J., Bares, C., & Zaharakis, N. (2014). Peer attitudes effects on adolescent substance use: the moderating role of race and gender. *Prevention Science, 15* (1), 56-64.
- Moral, M.V., & Ovejero, A. (2005) Análisis diferencial por niveles de edad de las actitudes hacia el consumo de sustancias psicoactivas en adolescentes españoles. *Revista Interamericana de Psicología, 39* (3), 325-338.
- Mousavi, F., Garcia, D., Jummefors, A., Archer, T., & Ewalds-Kvist, B. (2014). Swedish high-school pupils' attitudes towards drugs in relation to drug usage, impulsiveness and other risk factors. *PeerJ, 2*, e410.
- Musher-Eizenman DR1, Holub SC, Arnett M. (2003). Attitude and peer influences on adolescent substance use: the moderating effect of age, sex, and substance. *Journal of Drug Education, 33*(1), 1-23.
- Nunes, R. & Schwarzer, R. (1999). *Atitude Proactiva*. [On-line publication]. Available at: http://web.fu-berlin.de/gesund/skalen/Language_Selection/Portuguese/Atitude_Proactiva/hauptteil_atitude_proactiva.htm
- Pimentel, C.E., Coelho Júnior, L.L., & Aragão, T (2009). Atitudes frente ao uso de álcool, maconha e outras drogas: verificando relações de predição e mediação. *Psicologia: Reflexão e Critica, 22* (1), 29-35.

- Rose S. (2002). 'Smart drugs': do they work? Are they ethical? Will they be legal? *Nature Reviews*, 3, 975-978.
- Schwarzer, R. (1999). *The Proactive Attitude Scale*. [On-line publication]. Available at: http://userpage.fu-berlin.de/~gesund/skalen/Language_Selection/Turkish/Proactive_Attitude/hauptteil_proactive_attitude.htm
- Shekhtmeyster, Z., Sharkey, J. D., & You, S. (2011). The influence of multiple ecological assets on substance use patterns of diverse adolescents. *School Psychology Review*, 40(3), 386-404.
- Signhammer, J. (2012). Age and Gender Specific Variations in Attitudes to Performance Enhancing Drugs and Methods. A Cross-Sectional Study. *Sport Science Review*, 21 (5-6), 29-48.
- Suris, J.C., Akre, C., Ambresin, A-E., Brechtold, A., Pigué, C., & Zimmermann, G. (2014). Problematic Internet Use and Substance Use in Adolescence. *Journal of Adolescent Health*, 54(3). S1-S16.
- Van Ryzin, M. J., Fosco, G. M., & Dishion, T. J. (2012). Family and peer predictors of substance use from early adolescence to early adulthood: An 11-year prospective analysis. *Addictive Behaviors*, 37, 1314-1324.
- Walitzer, K.S., & Dearing, R.L. (2006). Gender differences in alcohol and substance use relapse. *Clinical Psychology Review*, 26, 128-148.